

UNIDADE E DUALIDADE

Saudações, caríssimos amigos. Que esta noite seja de bênçãos e enriquecimento para todos os presentes aqui e para todos que leem estas palavras. Que possam abrir mentes e corações e entender profundamente a si mesmos. Se não puderem entender imediatamente, algumas destas palavras estas poderão criar raízes em suas psiques e serem aproveitadas mais tarde.

A completa compreensão desta palestra talvez somente os alcance à medida que trabalharem no seu caminho através das profundas camadas do seu inconsciente onde o que eu digo, encontrará aplicação interna.

Há duas maneiras básicas para o homem viver, duas abordagens básicas à vida e a si mesmo. Ou para dizer diferentemente, há duas possibilidades fundamentais básicas de conscientização no ser humano: o plano dualista e o plano unificado. Temos falado frequentemente de alguns desses aspectos, mas recapitularei brevemente alguns deles em ambos os planos para tornar a palestra de hoje mais compreensível.

A maioria dos seres humanos vive predominantemente no plano dualista. O plano dualista significa que o homem vê, percebe e vivencia tudo em opostos. É sempre ou/ou, bom ou mau, certo ou errado, vida ou morte. Em outras palavras, praticamente tudo que o homem encontra, todos os problemas humanos e predicamentos são determinados pelo modo dualista de perceber a vida.

O princípio unificado combina ambos os opostos do plano dualista. Transcendendo o plano dualista de consciência, descobre-se que a dor causada por este não existirá mais. Poucos seres humanos transcendem o plano dualista e vivenciam apenas ocasionalmente o gosto da larga, ilimitada visão, da sabedoria e da liberdade do plano unificado.

No plano unificado de consciência não há opostos. Não há bom ou mau, nem certo e errado, nem vida ou morte. Há apenas o bom, o certo, a vida. Porém não é o tipo de bom ou o tipo de certo ou o tipo de vida que contém apenas um dos opostos do plano dualista. Transcende a ambos e é de natureza completamente diferente. O bom, o certo e a vida que existem no plano unificado de consciência combinam ambos os aspectos dualistas, logo não há conflito. É por isto que viver em estado unificado, em absoluta realidade, é felicidade perfeita, liberdade ilimitada, satisfação e a ilimitada realização de potenciais que a religião chama de paraíso. O paraíso é geralmente imaginado como um lugar no espaço e no tempo. É claro que não é assim. O paraíso é um estado de consciência que pode ser realizado a qualquer tempo, em qualquer forma que a entidade individual exista. Com isso quero dizer um humano estando encarnado, bem como um que não vive em um corpo material.

O estado unificado de consciência é uma questão de entendimento ou como frequentemente o chamo, o de “conhecimento”. No plano dualista, a vida tem que ser um contínuo problema. A luta

que o homem tem é enfrentar a divisão arbitrária e ilusória do princípio unificado para que as coisas se tornem opostos que impõem conflitos. Cria tensão, briga entre os homens, portanto, com o mundo exterior.

Vamos entender esse conflito específico um pouco melhor, portanto, a dificuldade humana. Há uma parte no homem – não importa o quão inconsciente e quão ignorante seja disso – não obstante está no homem um estado unificado da mente, ou um eu real, que é, vive, se expressa e manifesta o princípio unificado. Mesmo aqueles que nunca ouviram falar de tal coisa, que são totalmente ignorantes dos termos ou de seu significado têm um anseio profundo, geralmente inconsciente, de um diferente estado mental e de um diferente modo de vivenciar a vida do que aquele que conhecem. Anseiam pelo estado de liberdade, bem-aventurança e domínio da vida que o estado unificado de consciência permite.

Esse anseio é mal interpretado pela personalidade. É mal interpretado em parte porque é um desejo inconsciente do que usualmente chamamos “felicidade” e “realização”. Mas entendamos precisamente, o que de fato significam essas palavras. Significam a unificação dos opostos no plano dualista de forma que não há mais nenhuma luta ou esforço nem conflito nenhuma tensão, ansiedade ou medo. Consequentemente, o mundo ganha vida e o self é mestre, não mestre de forma restrita, tensa e hostil, mas no sentido de que a vida pode ser exatamente o que o indivíduo decide e determina que seja. Essa liberdade, esse domínio, essa bem-aventurança e essa liberação da tensão e agitação na alma humana são conscientes e inconscientemente buscadas e esperadas.

A interpretação errônea desse anseio ocorre em parte porque é inconsciente. É apenas um vago sentimento no profundo recesso da alma. Porém, mesmo quando existe o conhecimento teórico de tal estado, é muito mal interpretado ainda por outra razão. Quando a liberdade, o domínio, a unificação e a felicidade resultante e a manifestação do estado unificado de consciência são buscados no plano dualista, um tremendo conflito, necessariamente, seguir-se-á, pois sua realização é absolutamente impossível conseguir. Isto é o que acontece sempre.

O homem luta pelo preenchimento do profundo anseio de transcender e encontrar, no fundo de si mesmos, novo estado de consciência onde tudo é um. Quando o busca em um plano no qual tudo é dividido, não pode nunca encontrar o que procura, mas se desespera e se divide ainda mais entre conflitos, pois como eu disse muitas vezes a ilusão cria a dualidade.

Isso acontece, na esmagadora maioria das vezes entre pessoas que são ignorantes dessas possibilidades, mas também ocorre entre pessoas que são mais iluminadas espiritualmente e, no entanto, são ainda ignorantes da diferença entre esses dois planos e também ignoram como nelas mesmas e em sua existência diária podem aprender a transcender o plano dualista.

Quando o vago anseio ou o preciso conhecimento teórico do plano unificado de consciência é erroneamente interpretado, portanto, buscado no plano dualista, o que ocorre é o seguinte: quando o homem sabe e sente que existe apenas o bom, a liberdade, o certo, a beleza, o amor, a verdade, a vida sem um oposto ameaçador e quando tenta aplicar isto no plano dualista será imediatamente arrastado para o mesmo conflito de opostos que busca evitar. Então, luta por um dos aspectos dualistas e contra o outro. Tal luta torna impossível a transcendência.

Deixem-me demonstrar isso em um problema humano familiar cotidiano, para que possam entender essas palavras mais concretamente. Suponhamos que uma pessoa esteja discutindo com um amigo. Está convencida do seu ponto de vista – de que está certa. Portanto, imediatamente, o amigo torna-se errado. Com um entendimento dualista as questões podem ser apenas ou/ou. O resultado parece importar mais que a questão em si, pois quando a intensidade das emoções é verdadeiramente testada, comumente não tem relação com o tema em jogo. Seria comparável a uma questão de vida ou morte. Embora possam considerar isso irracional no nível consciente, inconscientemente estar errado significa estar morto, pois estar errado significa ser negado pelo outro. No plano dualista, o senso de identidade do homem está associado à outra pessoa e não com seu eu real. Enquanto vivencia a si mesmo, apenas com o ego exterior, dependerá do outro. Apenas, quando perceber o centro do seu ser, o qual é unificação, sua vida cessará de depender do outro. Então, uma simples discussão, realmente, torna-se questão de vida ou morte, o que explica a intensidade das emoções quando se trata de provar seu acerto e o erro do outro.

No plano dualista cada questão termina em ou vida ou morte. A vida se torna tão importante quanto evitar a morte. Frequentemente a morte é temida de tal maneira que se atiram nela “de cabeça”. Tais indivíduos não escapam ao medo da morte, muito pelo contrário. Seu constante conflito com a vida, o qual resulta do seu medo e da sua luta contra a morte, torna-os tão infelizes que acreditam não temer a morte. Isso é uma ilusão, uma vez que a vida é vivenciada no plano dualista onde um lado é visto como importante e se luta por ele, enquanto o outro lado é olhado como ameaça e é combatido, subjugado, vencido. Em qualquer caso que se envolverem enquanto sentirem que têm que vencer porque o seu lado é tal e tal, enquanto o lado do outro é tal e tal, estão profundamente envolvidos no mundo da dualidade, portanto, no mundo da ilusão, em tensão e sofrimento, conflito e confusão; quanto mais lutarem dessa maneira, maior se tornará a confusão.

O homem é voltado e habitualmente treinado por si mesmo, pela sua criação, por tudo o que aprende, absorve, e percebe no seu entorno para lutar por um e contra o outro em qualquer número de opostos. Isso se aplica não apenas a questões materiais, e a manifestações de vida, mas no plano dos conceitos e entendimento. Como demonstrei frequentemente, cada verdade pode ser dividida em dois opostos, um dos quais se adere como a “ideia certa”, sendo o aspecto oposto declarado como a “ideia errada”, enquanto na realidade ambos se complementam.

No plano unificado da verdade e realização nenhum aspecto pode existir sem o outro, do qual os complementos são “inimigos” somente no plano dualista de consciência.

Todo conflito vira bola de neve em intrincados sub conflitos ou subdivisões da primária divisão dualista. Uma vez que tudo isso é produto da ilusão, quanto mais o conflito dure, menor a possibilidade de solução e mais desesperadamente estarão enredado nele.

Retornemos agora ao nosso exemplo e demonstremos como isso ocorre. Quanto mais vocês provam que seu amigo está errado, mais haverá fricção e menos obtêm o que pensaram que conseguiriam, provando o seu acerto e o erro do amigo. Acreditam que provando que estão certos e o amigo errado, ele irá finalmente aceitá-los e amá-los novamente e tudo estará bem.

Quando não são bem sucedidos, interpretam esse fato erroneamente e tentam com mais empenho, porque pensam que não provaram suficientemente que estão certos e o outro errado. O abismo alarga-se, a ansiedade aumenta e quanto mais armas utilizam para vencerem a luta, mais pro-

fundas se tornam as dificuldades até que realmente, machucam a si mesmos e ao outro e agem contra o próprio interesse.

Vocês então enfrentam outro conflito que decorre do primeiro erro e divisão dualista. A fim de evitarem uma ruptura total, com todas suas ameaças reais e imaginárias (porque o dano real já começou a ser causado) são postos de frente com a alternativa de terem que ceder para apaziguar e evitarem mais danos a si mesmos ou continuarem brigando. Uma vez que ainda estão convencidos de que há certo versus errado, esse apaziguamento os priva de respeito próprio e então, lutam contra isso. Quer usem ou não essa “solução”, se dividirão entre duas alternativas: lutarem ou se submetem. Ambos criam tensão, ansiedade e desvantagens interiores e exteriores.

Então, uma segunda dualidade se desenvolve a partir da primeira. A primeira é: quem está certo e quem está errado? “Só eu posso estar certo, do contrário, tudo está mal.” A segunda é ceder a um erro que não podem admitir, porque é certo total ou erro total, ou continuarem brigando. Admitir um erro significa morte, em certo sentido. Então, enfrentam alternativas de admitir o erro (o que significa a morte na psique profunda) para evitarem consequências temidas e a possibilidade de risco real – pondo a sua vida em grave desvantagem (morte novamente – no sentido mais profundo) ou insistir em sua certeza total. Para qualquer lado que se voltarem, encontram morte, desastre total, perda, aniquilação. Quanto mais duramente lutam por e contra o outro lado, menos existe o que lutar por e mais as alternativas se voltam contra vocês. A ilusão de que um lado era bom e o outro mau os conduzirá ao inevitável passo seguinte nessa entrada de ilusões, que é o de achar que todas as alternativas são más. Esse é o destino da luta dualista, levando a novas armadilhas que são todas, produtos da ilusão.

Quando a estrada para o princípio unificado é escolhida o que a princípio parecia ser um lado bom e outro mau, deixa de ser assim e inevitavelmente, encontra-se o bom e o mau em ambos os extremos. Quando essa “estrada” é seguida, mais adiante não existe o mau, mas apenas o bom. A estrada conduz ao eu real, à verdade muito além dos interesses medrosos e pequenos do ego. Quando essa verdade é buscada bem no fundo do self, aborda-se o estado unificado de consciência. O nosso exemplo é banal e pode ser traduzido em muitas questões cotidianas, grandes ou pequenas. Existe como um pequeno desentendimento entre colegas ou como conflito entre países em guerra. Existe em todas as dificuldades que a humanidade encontra individual ou coletivamente. Uma vez que se encontrem neste conflito dualista ilusório, sentirão desesperança, pois não há saída – no plano dualista de pensamento. Enquanto sua própria existência é identificada com o ego, portanto, com a abordagem dualista da vida, não poderão evitar o desespero, não importa quanto esse desespero esteja encoberto ou momentaneamente aliviado por sucessos ocasionais em “vencer” na alternativa desejável entre os dois opostos. O desamparo e a desesperança, a energia desperdiçada do conflito dualista, roubam o homem do seu direito inato. Esse direito inato o homem acha somente no plano da unificação.

Uma vez que todas as regras e preceitos, tudo que o homem aprende em sua educação e ambiente é atrelado a padrões dualistas, não é surpresa que esteja totalmente atado e adaptado a esse estado de consciência. Mesmo quando aprende e ouve a respeito dessa outra possibilidade a teme. Não pode acreditar nela e se segura naquilo que conhece. Isso cria um círculo vicioso, visto que as regras e preceitos dualistas, os quais o condicionam a esse modo de vida são o resultado do medo de abrir mão do ego que parece ser a única coisa que lhe garante a vida.

Parece que desistir do ego significa o aniquilamento da sua individualidade o que claro, é completamente errôneo. Assim, o homem tem estas regras por causa dos medos equivocados e se agarra aos falsos medos por causa do seu doutrinamento.

Antes de discutirmos em maiores detalhes porque o homem se agarra ao doloroso estado dualista, apesar da imediata e direta possibilidade do plano unificado de consciência, eu gostaria de dizer-lhes mais, sobre este e como realizarem a unificação dentro de si. O que chamamos de eu real, ou a substância divina, ou o princípio divino, ou a inteligência infinita ou como queiram chamar o centro de vida interno e profundo que existe em todo ser humano, contém toda a sabedoria e verdade que possam imaginar. A verdade é de natureza de tão longo alcance e tão diretamente acessível que não existe mais nenhum conflito quando tal verdade exerce seus efeitos. Os “se” e os “porém” do estado dualista deixam de existir. O conhecimento dessa inteligência inata é de tal natureza que supera em muito a inteligência do ego. É completamente objetiva, não considera o pequeno e inútil autointeresse – essa é uma das razões pelas quais temem e evitam o contato com ela.

A verdade que flui dela iguala o self aos outros, o que não é a aniquilação que o ego teme, mas essa verdade abre o depósito de força vital vibrante e de energia que o homem normalmente usa só em menor grau e que utiliza erradamente ao dirigir sua atenção e suas esperanças ao plano dualista – o plano do ego com suas opiniões fortemente mantidas, conclusões, falsas ideias, vaidade, orgulho, obstinação e medo. Quando esse centro vivo os ativa, vocês iniciam então, seu desenvolvimento ilimitado, cujas realizações são possíveis, exatamente porque o pequeno ego não mais precisa delas para se destacar e encontrar vida no plano dualista.

O eu real unificado pode sempre ser contactado, em todos os casos da vida do homem. Voltemos, novamente, ao nosso exemplo para ver como isso pode ser feito em tal caso. O ato mais difícil de realizar, que na verdade é o mais simples possível, seria perguntar: “qual é a verdade da questão?”. No momento em que estão mais concentrados na verdade do que na necessidade de se provarem certos, fazem contato com o princípio divino da verdade transcendente, unificada. Se o desejo de estar na verdade for genuíno, a inspiração aparecerá. Não importa o quão fortemente as circunstâncias pareçam apontar numa direção, o homem precisa abrir mão e se questionar se o que vê é tudo o que há em relação à questão. Esse ato generoso de integridade abre o caminho para o eu real. Esse ato seria mais fácil quando o homem contemplar que não é, necessariamente, uma questão de ou/ou, mas que pode haver aspectos certos na visão da outra pessoa e errados na sua, aspectos que até então não tinha visto, porque a sua atenção nem sequer estava dirigida para essa eventualidade. Com essa abordagem para um problema, o homem imediatamente, abre caminho para ascender ao plano unificado de existência e de ser movido pelo eu real. Isto libera uma energia distintamente sentida quando esse ato é realmente comprometido de modo profundo e sincero. Traz o relaxamento das tensões.

O que descobre então é sempre totalmente diferente do que esperava e do que temia no plano dualista. Percebe que não está tão certo e inocente como pensava, nem tão errado quanto temia. Nem seu oponente. Logo descobre aspectos da questão que nunca viu antes, embora não estivessem necessariamente ocultos. Compreende, exatamente, como a discussão começou a princípio, o que causou, qual era a história bem antes da sua manifestação atual. Com tais descobertas, ganha insight da natureza do relacionamento, aprende sobre si mesmo, sobre o outro e aumenta sua compreensão das leis da comunicação. Quanto mais visão ganha, mais livre, forte e seguro se sente. Esta visão não apenas elimina o conflito em particular e mostra o caminho certo para esclarecê-lo, mas também

revela importantes aspectos de suas dificuldades gerais cuja eliminação se torna mais fácil através da experiência e entendimento.

A paz vibrante que advém da compreensão ampliada é de valor duradouro. Afeta a autorrealização do homem e tem resultados benéficos em sua vida diária também. Este é um exemplo típico de compreensão unificada, intuitiva do conhecimento da verdade. Após a necessidade aparente de coragem e da momentânea resistência em ver a verdade mais ampla que a verdade egoísta, é tão mais fácil que o conflito que se origina no plano ou/ou da vida.

Antes que possam se trazer ao caminho unificado de pensar e ser, a tensão crescerá, pois enquanto permanecem no plano dualista, lutam contra esta maneira de pensar, porque erroneamente acreditam que no momento em que admitem e veem um erro em si e certo no outro, se submeterão e se escravizarão. Tornar-se-ão nada, não valerão nada, serão dignos de piedade – e estão a apenas um passo da aniquilação em sua vida fantasiosa. Assim, sentem que é o maior perigo deixar plano dualista. A tensão crescerá quanto mais seus conflitos o dividem em várias direções. Porém, no momento em que quiserem estar na verdade, no momento em que estiverem desejosos e preparados, não apenas para enxergar seu caminho, sua pequena verdade, nem para cederem à pequena verdade do outro por medo das consequências, mas quando desejarem possuir a verdade maior, mais abrangente, a qual transcende ambas as pequenas verdades, nesse momento, uma tensão específica será removida da sua psique. O caminho para a manifestação do eu real será preparado.

Vou recapitular o que mencionei previamente: as duas obstruções mais significativas para o eu real são a ignorância de sua existência e da possibilidade de se conectar com ele, e o estado psíquico tenso e travado dos movimentos da alma. Esses dois fatores tornam impossível o contato com o eu real, portanto, com o estado unificado da existência. Sempre que estiverem no plano dualista, constantemente estarão travados na alma. Talvez se recordem que com frequência discuti a importância de observar os movimentos da alma. Superficialmente, poderão apoiar-se na aparente justificativa na qual insistem. Vocês podem dizer: “não estou plenamente justificado e certo que eu esteja contra esse erro no mundo?”. No plano dualista, isto pode até ser verdade. Mas com essa perspectiva limitada, ignoram que esse mesmo erro só existe por causa da abordagem dualista do problema e por causa da ignorância predominante de que existe outra abordagem. A tensão resultante nubla a visão de que existem outros aspectos, os quais unificam – o que vocês julgam certo, e o que julgam errado – independente do que é errado realmente.

Esse simples ato de querer a verdade requer várias condições, sendo a mais importante, a disposição de abrirem mão daquilo a que se aferram, quer seja crença, convicção, medo ou um modo que gostam de ser. Quando digo abrir mão, quero dizer, meramente, questioná-lo e se disporem a ver que existe algo mais além dessa visão e convicção. Isso nos traz de volta ao que eu disse que discutiria: o porque do homem se aterrorizar tanto ao abandonar o ego, o modo de vida doloroso e dualista? Por que resistem tanto a se comprometerem com esse profundo centro interior que unifica tudo de bom e que é instantaneamente acessível? Porém, está além das considerações mesquinhas e pessoais do ego.

Como disse, o plano dualista é o plano do ego. O plano unificado é o mundo do centro divino, do eu maior. O ego encontra toda sua existência no plano que é o seu lugar natural. Abrir mão desse plano significa abandonar as exigências do pequeno ego. Isso não quer dizer sua aniquilação, mas para o ego é o que parece significar. Na realidade, o ego é uma partícula, um aspecto isolado da

inteligência mestra, do eu real, eu interior. Não é diferente deste último; simplesmente há menos do eu real nele.

Sendo separado, desconectado e limitado, é menos confiável e seguro que aquele do qual se origina. Mas, isso não significa que o ego tem que ser aniquilado. De fato, o ego integrar-se-á por fim, ao eu real de forma a haver apenas um self, que será mais completo, melhor equipado, mais sábio e terá as melhores qualidades imagináveis. Mas o ego separado julga que isso quer dizer aniquilação, deixar de existir. De seu modo ignorante e limitado o sente a existência apenas como um ser separado – por isso procura uma separação ainda maior. Sei que disse isto muitas vezes antes, mas no contexto desta palestra é uma vez mais, importante pensar e aplicar isto ao nosso tópico. Sendo que a consciência ignora a existência do eu real (mesmo que este seja aceito como teoria, sua realidade viva será duvidosa, enquanto os conceitos errôneos pessoais não forem eliminados) teme o movimento da alma de soltar e relaxar seu controle estrito que conduz ao reconhecimento do eu real. Essa é a constante luta do ego até que cesse de lutar contra um oposto, através de repetidos reconhecimentos da ampla verdade em toda mínima questão pessoal.

Como me ouviram dizer muitas vezes, o eu real não pode se manifestar, enquanto dificuldades internas e problemas não são resolvidos. Porém, o processo de fazê-lo e os primeiros lampejos de autorrealização frequentemente se sobrepõem; um segue o outro. Muitos dos meus amigos podem usar essas palavras como nova abordagem para seus problemas, embora não haja nada de novo em minhas palavras; todavia, essa maneira específica de ver o conflito humano básico poderá ajudá-los, consideravelmente. Enquanto estiverem, totalmente, identificados com o ego, continuarão a cultivar mais separação e a autoidealização será certamente, a consequência. A autoglorificação e idealização parecem ser desse ponto de vista, a aparente salvação e garantia para mitigar seus medos existenciais. Pondo em termos simples, o ego pensa: “se todos à minha volta me considerarem especial, melhor que os demais, esperto, bonito, talentoso, feliz, infeliz ou mesmo mau” – ou qualquer característica especial que se escolha para a autoglorificação idealizada – “então receberei a necessária aprovação, amor, admiração e aceitação que preciso para viver”. Isto significa que em algum lugar, bem no fundo, acreditam que só podem existir sendo notados, afirmados e confirmados pelos outros.

Sentem que se passarem despercebidos, se ninguém souber de sua existência deixarão de viver. Isso pode soar exagerado, mas não é. Explica porque as autoimagens idealizadas de alguns são destrutivas e negativas. Sentem-se mais confiantes quando se fazem notar do que através de especialidades positivas. Assim, a salvação parece residir em outros que reconhecerão sua existência, apenas, se forem diferentes – especiais. Ao mesmo tempo, a mensagem mal interpretada do eu real quer que governem a vida, mas vocês a governam no plano errado e acreditam que têm que vencer toda resistência que estiver em seu caminho. Cada pseudossolução pessoal é um meio pelo qual esperam eliminar as obstruções do caminho.

Qual pseudossolução que tenham escolhido depende dos traços individuais de caráter, das circunstâncias e das influências do início da vida. Quaisquer que sejam elas – e sabem que há três tipos básicos: a solução agressiva, a submissa e a retirada – são destinadas a triunfar sobre os outros e estabelecer sua “liberdade” e “satisfação”, assim. A existência parece estar garantida quando são totalmente amados, aceitos, servidos por outros e esperam obtê-la triunfando sobre eles. Podem ver que são governados por uma sucessão de conclusões erradas que são, na realidade, completamente, diferentes. É claro que todas estas reações e crenças só podem ser averiguadas quando aprendem a

admiti-las, quando questionam o significado de uma reação particular e olham por trás da fachada, e além do que pretendem que signifiquem. Uma vez que admitam isso, é fácil verificar que todas essas concepções errôneas os governam e roubam-lhe a beleza da realidade. Verão ainda – não como teoria, mas como experiência da realidade – que sua vida não depende de que outros afirmem sua existência; que não precisam ser especiais e separados dos outros; que essa mesma exigência os aprisiona na solidão e confusão; que os outros lhes darão amor e aceitação, apenas quando não desejarem ser melhores que eles, especiais ou diferentes deles. Também, esse amor virá, quando suas vidas não dependerem mais dele.

Quando tiverem realmente alcançado o conhecimento, quando se sentirem realizados em qualquer campo que seja, não terá sobre os outros o mesmo efeito que tinha quando servia para colocá-los a parte. No primeiro caso, o talento será uma ponte para os outros e não uma arma contra eles. No outro caso, criará antagonismo porque desejam ser talentosos para serem melhores que os outros – o que sempre significa que os outros valem menos. Quando precisam ser melhores, através das suas habilidades, o que dão ao mundo com certeza se voltará contra vocês, pois oferecem no espírito de guerra. Quando dão seus talentos com o fim de enriquecer a vida e os outros, vocês e suas vidas serão realçados, pois sua oferta será feita em espírito de paz. No último caso vocês se tornam parte da vida. Tomando da vida – o centro vivo dentro de si – e devolvendo-o à vida como parte integral dela, agem de acordo com o princípio unificado.

Sempre que há o conflito: “para viver, tenho que ser melhor que os demais, tenho que me destacar”, o desapontamento é inevitável. Não pode produzir o resultado desejado, porque é baseado em ilusão. O conceito dualista é: “eu contra o outro”. Essa crença ilusória torna a transição do plano dualista para o unificado muito difícil, porque abrir mão da “luta contra o outro” parece implicar em autoaniquilação. Quanto mais se combatem os outros, tanto menos eles cederão às suas necessidades de autoafirmação e mais ainda, o experimentarão como perigo igual à alternativa de desistir da própria luta. Assim, cada caminho, para o qual se voltam, parece estar bloqueado. Tornam-se profundamente dependentes de outros, devido ao conceito ilusório de que a menos que eles os aprovem estarão perdidos, enquanto ao mesmo tempo tentam triunfar sobre eles.

Ressentir-se-ão quanto ao primeiro caso e se sentirão culpados quanto ao último. Ambos criam frustrações e ansiedades intensas e nenhum dos dois traz qualquer salvação.

Percebam a falta de inclinação inicial para questionarem seus pressupostos a respeito de qualquer tema problemático em suas vidas. A disputa externa é tão dolorosa apenas porque a disputa interna é entre vida e morte – ou assim acreditam. A falácia de tal disputa somente pode ser estabelecida quando ousam questionar suas reações honesta e precisamente. Embora alguns de vocês sejam muito desenvolvidos neste caminho sendo capazes de encararem a si mesmos em certo grau, ainda conseguem se esconder das questões que se tornam, realmente, dolorosas e assustadoras. Essa é a pedra em que tropeçam, pois a fuga do que parece tão doloroso e assustador torna impossível descobrir a falácia da crença oculta. Onde se agarram secretamente, nascida da sua perspectiva dualista e da resultante batalha interna provoca o movimento restrito que os debilita. Paralisa suas energias e torna impossível a transição para o plano unificado. Quando olham para os problemas de maneira mais objetiva e desprendida quanto possível, expressando a visão ampla do eu real, quando têm a intensa disposição e vontade para verem a questão que os perturba com o desejo genuíno de imparcialidade, notarão primeiro um retraimento de tal desejo e um modo mais ou menos aberto ou sutil de esconder a vontade de fugir. Flagrem-se nesse ato e corajosamente persistam se questionan-

do ampla e profundamente. Verão então, que finalmente a dificuldade externa é uma representação simbólica do conflito interno, onde lutam pela vida contra a morte; pela existência contra a aniquilação. Verão então o que evidentemente acreditam ser requerido dos outros para que existam.

Quando tiverem chegado a esse nível do ser, serão capazes de questionar os preceitos que fundamentam tudo isso. Esse é o primeiro passo para possibilitar a transição do erro dualista para a verdade unificada. Notarão que abrir mão de ideais e convicções, também parece aniquilação, pois estar errados significa morrer e estar certos significa viver. No momento em que completarem esse movimento de abertura com coragem de querer a verdade, uma verdade mais completa do que podem ver no momento em qualquer que seja a questão, chegarão a uma nova paz e a novo conhecimento intuitivo sobre como as coisas são. Algo na substância psíquica endurecida terá soltado e preparará o caminho para a total autorrealização.

A cada vez que se soltam será mais fácil e o clima na sua psique será mais auspicioso para o despertar final e total para o seu centro interior da vida toda, a verdade toda da bondade unificada da criação. Cada passo nessa direção abandona outra concepção errônea e cada concepção errônea representa mais peso. A desistência do que a princípio parecia segurança e proteção contra a aniquilação, será agora desvelado como o que realmente é: peso, sofrimento, prisão. Compreenderão assim, o fato absurdo de que realmente se opunham a abandonar a vida dualista com toda sua dificuldade e desesperança. Talvez, agora, possam entender um pouco desse processo que os ajudará em seu caminho pessoal. Quando aplicarem isto na sua vida diária, verão que as palavras que emprego aqui, embora soem abstratas não são algo distante e sim acessível para todos. Verão que essas palavras são práticas e concretas se estiverem dispostos a verem a si mesmos em relação à vida na verdade mais ampla do que até agora estiveram dispostos a contemplar.

No plano dualista, precisam ter tudo do seu jeito. Têm que vencer da vida, de outros, das circunstâncias. Têm que provar que são mais fortes que todos os outros fatores em suas vidas que se oponham a vocês. A oposição significa que perdem e em última análise perderem significa inexistência. Eis o que tanto os assustam e porque são tão intensos nesse conflito. É por isso que sentem sempre como se algo muito maior estivesse em jogo que a questão em si. É por isso que negam a intensidade das emoções, sabendo que o que ocorre no nível consciente está fora de proporção com suas reações. Se às vezes triunfam sobre as circunstâncias, realmente ganham a paz duradoura? Não realmente, meus amigos.

No momento, podem ficar gratificados, aplacados e seguros. Mas por quanto tempo, podem manter o domínio sobre a vida sob o princípio dualista? Nova questão os amedronta outra vez, e bem no fundo sabem disso; apenas sabem de maneira falsa – acreditam que seja a perdição. Portanto, vivem constantemente com medo de não poderem ganhar sempre. Nesta dependência, precisam que a vida se mova de acordo com as suas necessidades, ou melhor, suas necessidades imaginárias e para controlar isso se ressentem com aqueles que proíbem suas gratificações. Por certo, ficam ressentidos com a vida que aparentemente, não os deixa ser. A mensagem que vem do eu real diz: “seu direito inato é a felicidade perfeita, liberdade e domínio sobre a vida”. Quando lutam por esse direito inato, sob princípios dualistas, se afastam mais e mais da autorrealização, na qual, verdadeiramente, poderiam ter domínio, liberdade e satisfação total de si mesmo. Buscam tudo isso por meios falsos. Estes são tão variados quanto o caráter dos indivíduos. Em todos estes anos, nós temos discutido as pseudossoluções. Se as reestudarem a luz da presente palestra entenderão em nível mais profundo o que tudo isso quer dizer. Verão como pessoalmente tentam ganhar a luta, a falsa luta levando a mais

confusão e dor. As três básicas pseudossoluções são simplesmente meios de conquistar a vida no plano dualista, para garantir sua existência. A luta aberta não é nem um pouco mais oposta à paz e à verdade, nem um pouco menos agressiva que a solução submissa, cuja hostilidade sempre fica latente sob a superfície.

Qualquer forma que usem para vencer, estarão na dependência dos outros e em circunstâncias frequentemente bem além do seu controle, portanto, fadados ao fracasso. A ansiedade e o fútil conflito fazem seu material psíquico frágil e enrijecido. Quanto mais for assim, menos são capazes de contatar o centro do ser interior, onde se encontra tudo o que possivelmente precisam: bem-estar vital, produtividade e paz de relaxamento interior que são subprodutos integrais do eu real.

A única maneira pela qual podem verdadeiramente entrar no estado unificado, no qual realmente podem alcançar o domínio é desvincilhando-se da falsa necessidade de triunfar, vencer, se destacar, ser especial, estar certo, ter as coisas à sua maneira, descobrindo a necessidade em todas as situações sejam quais forem, se as julgam boas ou más, certas ou erradas. É desnecessário dizer que isso não significa resignação, nem ceder temerosamente ou fraqueza. Significa seguir a corrente da vida e suportar o que está além do seu controle imediato, goste ou não. Significa aceitar onde estão e o que a vida é para si neste momento. Quer dizer, estar em harmonia com seu próprio ritmo interno. Isto abrirá o canal para que finalmente a autorrealização total aconteça.

Significa que todas suas expressões na vida serão motivadas e vividas pelo princípio divino, operando em vocês e expressando-se através da sua individualidade, integrando as faculdades do seu ego com o self universal. Isto ampliará sua individualidade, não a diminuirá. Ampliará cada um dos seus prazeres; não extrairá absolutamente nada de vocês.

Que cada um de vocês possa compreender que a verdade está em si mesmo; tudo que necessitam está dentro de si. Que descubram que realmente não precisam lutar como fazem constantemente. Tudo o que precisam é reconhecer a verdade, onde quer que estejam agora. Tudo o que têm a fazer neste momento é compreender que pode haver mais do que veem agora; evocar o centro interior e se permitir estar aberto às mensagens intuitivas para si. Que possam descobrir que isso é possível exatamente no que mais necessitam neste momento específico. Seu critério é sempre o que os faz sentir mais desconfortáveis, o que mais os tenta a desviar o olhar.

Sejam abençoados, prossigam no seu maravilhoso caminho, o caminho que os levará ao reconhecimento de que já têm o que necessitam e estão onde necessitam estar. Desviam o olhar apenas porque estão voltados para a direção oposta. Fiquem em paz. Estejam em Deus.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.